

— Será que conseguimos ativar alguma missão? — Se não der, tudo bem, pelo menos a gente fica marcado na memória do Administrador. Chu Guang, como sempre, cumpriu seu papel de NPC, respondendo no automático: — As tarefas estão no mural, iguais às de ontem. Além disso, vocês podem usar a criatividade. O posto avançado precisa urgentemente de comida, material de construção... e fortificações. A cerca do posto já tinha um lado pronto. Os outros três deviam ficar prontos em dois dias. O que preocupava Chu Guang era que, com tanto barulho, a tribo de mutantes da Rua 76, a leste, poderia acabar dando as caras. O posto só tinha três armas no total — duas delas canos de 5mm, praticamente inúteis. Contra aqueles brutos verdes, não era que não dessem luta, mas a surra seria feia. Ele provavelmente seria o único a escapar. Se algum jogador fosse capturado... bem, no mínimo teria a conexão cortada. Pelo menos não sentiria o que viesse depois. Os jogadores subiram em grupos para a superfície, animados para começar mais um dia de trabalho. — Cadê o Lixão? Não tô vendo ele — perguntou Yè Shí, olhando em volta. Chu Guang respondeu: — Ele já saiu. Tinha uma missão especial pra ele. Vários jogadores ao redor ficaram com inveja. Claro, ser uma classe especial tinha seus privilégios. Enquanto eles ainda carregavam tijolos, ele já tinha uma missão exclusiva. Malditos sortudos! — Yè Shí, você vem comigo... e Fāng Zhǎng também. — Chu Guang decidiu levar alguém que usasse a cabeça. Fāng Zhǎng, surpreso, deixou Lǎo Bái para trás sem pensar duas vezes. — Irmão, espera eu voltar! — Vai embora e não volta. Ignorando a conversa, Chu Guang tirou duas rifles de cano de 5mm e entregou um para cada, junto com 20 balas. Não esperava que os novatos acertassem algo com aquelas armas horríveis, mas pelo menos assustariam alguém se precisasse. — O seguro fica do lado direito do gatilho. Não mexam nele, a menos que eu peça. Ele olhou para os dois, excitados brincando com as armas, e continuou: — Vamos até um assentamento de sobreviventes para trocar uns suprimentos. Não façam nada sem minha ordem, especialmente atirar ou agir com hostilidade. — Lembrem-se, representamos todo o Abrigo 404. Entendido? — Entendido, Grande Administrador! — Fāng Zhǎng ficou em posição de sentido, fazendo uma saudação ridícula. — Suas ordens são nossa missão! Yè Shí, um pouco mais lento, imitou: — Eu... o mesmo que ele! Chu Guang: *"...De onde tiraram isso?"* Mas, como Administrador, não podia reclamar. Quanto mais os jogadores se envolvessem no papel, mais fáceis seriam de controlar. — Muito bem, esse é o espírito! — Ele tossiu e apontou para fora. — Precisamos levar 50kg de carne seca, 20kg de peixe defumado, 10 peles de hienas mutantes... e um carrinho de mão. Preparem tudo. — Partimos em dez minutos! --- [Capítulo 36: A Fazenda Brown! Um Novo Ponto de NPC!] O posto avançado precisava de ferramentas. Muitas. Alicates, martelos, machados, serras, chaves de fenda, parafusos, pregos... Sem elas, tudo seria mais difícil. Se fosse nos primeiros anos após o apocalipse, lojas de ferramentas ainda teriam estoques. Mas depois de 200 anos, os lugares óbvios já foram saqueados. Ainda assim, sempre sobrava algo. Restos vendidos em assentamentos, esperando para serem trocados. Chu Guang planejava fingir ser um mercador, levar os dois jogadores até a Fazenda Brown e negociar o que precisavam. Antes de sair, vestiram roupas velhas encontradas por aí. Chu Guang partiu do portão sul do Parque das Áreas Úmidas com Ye Dez e Fang Chang, evitando a Rua 76 e seguindo por um caminho esburacado em direção ao sudeste. Tanto a Rua Beite quanto a Fazenda Brown ficavam a cerca de três quilômetros de distância no mapa, a diferença era que uma ficava ao sul e a outra a sudeste. A escolha pela Fazenda Brown tinha motivos simples. Primeiro, ninguém ali o conhecia ou sabia de seus antecedentes. Além disso, o caminho até lá era um pouco mais fácil, com menos ruínas para atravessar. Mesmo assim, viajar a pé no território pós-apocalíptico significava percorrer muito mais do que apenas três quilômetros. O grupo avançou devagar, desviando de ruínas intransitáveis, sempre alerta contra criaturas mutantes e sobreviventes mal-intencionados. Finalmente, pouco antes das nove da manhã, chegaram perto do destino. No fim da estrada de terra, havia um grande portão de ferro, ladeado por muros de concreto e pedras. O muro não era alto — menos de três metros —, mas estava reforçado com placas de alumínio e barras de aço, como se tivessem usado lixo industrial para aumentar sua altura. Os inúmeros buracos de bala e os esqueletos pendurados em forcas do lado de fora deixavam claro que os moradores não eram pessoas fáceis. Uma placa na estrada indicava que, antes da guerra, o lugar havia sido uma fazenda de turismo rural. Tudo sugeria que, no colapso da ordem, sobreviventes

fugidos da cidade haviam tomado o local. Diferente da Rua Beite, o dono da Fazenda Brown, o Sr. Brown, era um verdadeiro latifundiário, e ali não havia muitos trabalhadores livres. Quem vivia na fazenda só tinha dois papéis: ou era capanga do dono, ou era escravo. Mas Chu Guang não estava muito preocupado com más intenções. Grupos que dependiam da terra raramente atacavam estranhos — quem tem algo a perder pensa duas vezes antes de provocar quem não tem nada. Parando a cerca de dez metros do portão, Chu Guang ergueu o punho direito, sinalizando para os dois jogadores atrás dele pararem. No mesmo instante, um cano de arma escuro surgiu entre as placas de alumínio no muro. Mostrar armas era um sinal de que não havia hostilidade. Parecia que o contato estava indo bem, e Chu Guang respirou aliviado. O homem no muro gritou com voz ameaçadora: — Ei, parem aí! Quem são vocês? O que querem aqui? — Não viemos brigar — respondeu Chu Guang, mantendo a calma e sinalizando para os jogadores não se agitarem. — Só queremos trocar algumas coisas. — Trocar coisas? O homem olhou rapidamente para o carrinho de mão atrás deles, mas não tirou o dedo do gatilho, ainda desconfiado. — Nunca vi vocês antes. De onde vieram? Chu Guang usou a resposta que já tinha preparado: — Das terras selvagens. Nos mudamos para esta região recentemente. O homem hesitou. — Nômades? Chu Guang deu de ombros. — Depende do que você considera nômade. Nômades não eram incomuns no território devastado, especialmente nos arredores das cidades. Eles não plantavam, viviam da caça e do pastoreio, seguindo os rastros de criaturas mutantes e manadas de animais. De vez em quando, também negociavam, trocando caça e sucata por suprimentos. Claro, ocasionalmente também roubavam. No mundo pós-apocalíptico, não existiam pessoas totalmente boas ou más. Em certas situações, qualquer um podia se tornar um saqueador. O homem ainda não confiava nos três à sua frente, mas as armas que carregavam o impediam de agir por impulso. Especialmente sem saber quantos mais havia em seu "clã". — O que vocês têm para trocar? E o que querem em troca? — Cinquenta quilos de carne seca defumada, vinte quilos de peixe defumado e dez peles de hienas mutantes... Precisamos de ferramentas e comida plantada. Prometo que vamos embora assim que a troca acabar, sem atrasar um segundo.